

MÍDIA, CULTURA E IDENTIDADE: FRAGMENTOS DE UM OLHAR

Namar Oliveira Silva Figueiredo¹

Mestre em Letras – Universidade Vale do Rio Verde

Resumo: O presente artigo aborda os conceitos de cultura, mídia e identidade, buscando relacioná-los com a pesquisa sobre a comunidade tradicional quilombola, especificamente à Comunidade do Taquaral na cidade de Três Corações/MG.

Palavras-Chave: mídia; cultura; identidade; quilombola.

Introdução

Esse artigo apresenta alguns fragmentos da pesquisa desenvolvida na Comunidade do Taquaral, na zona rural de Três Corações- MG, onde buscamos entender a influência da mídia na constituição da identidade de adolescentes e jovens dessa comunidade. Para tanto, discutiremos alguns conceitos, tais como mídia, cultura, identidade e comunidades quilombolas.

Cultura e Identidade

A cultura, seja nas ciências sociais, seja em outras ciências, é mais do que um conceito acadêmico. Ela diz respeito às vivências concretas de sujeitos, bem como às suas formas de conceber o mundo, suas particularidades e semelhanças a partir do processo histórico social.

É por meio da cultura, que homens e mulheres estipulam regras, criam valores e significados, possibilitando, assim, a intercomunicação dos indivíduos e dos grupos. Desta forma, os sujeitos se adaptam aos meios e podem também transformá-los. Para Rodrigues (2006, p.18), a cultura é como um mapa que orienta o comportamento dos

¹ Email: namarosf@gmail.com

indivíduos em sua vida social. Ao refletir sobre o que é viver em sociedade e produzir cultura, depararemos com um sistema de dominação de uma lógica simbólica em que os indivíduos se comportam de acordo com ela e muitas vezes sem se dar conta disso (RODRIGUES, 2006). Desta maneira, podemos afirmar que tanto a vida coletiva quanto a privada, se originam das relações dos indivíduos e dos grupos sociais, que ao mesmo tempo regulam estes relacionamentos.

Vejamos o que diz Rodrigues:

[...] o fato é que, uma vez constituídos, os sistemas de representações e sua lógica são introjetados pela educação nos indivíduos, de forma a fixar as similitudes essenciais que a vida coletiva supõe, garantindo, dessa maneira, para o sistema social, uma certa homogeneidade[...] (RODRIGUES, 2006, p. 19).

Então, podemos afirmar que a escola ou os modelos de educação contribuem para que a diferença entre a cultura negra e a cultura branca fossem vistas de forma estereotipada, ou seja, a cultura branca dominante prevalecendo sobre a outra cultura, tida como “inferior”. (RODRIGUES, 2006)

No caso do negro brasileiro, a classificação e a hierarquização étnica existente foram forjadas no contexto das relações sociais, leia-se sistema de escravidão em que as relações entre brancos e negros se deram no interior desta sociedade. (RODRIGUES, 2006)

Somos educados pelo meio sociocultural para enxergar certas diferenças, as quais fazem parte de um sistema de representações construído socialmente por meio de tensões, conflitos, acordos e negociações sociais. (RODRIGUES, 2006).

A cultura negra pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas, no contato com outros grupos e povos. Essa cultura faz-se presente no modo de vida do brasileiro, seja qual for o seu pertencimento étnico. Todavia, a sua predominância se dá entre os descendentes de africanos escravizados no Brasil, ou seja, o segmento negro da população. (RODRIGUES, 2006)

Há que se considerar a consciência cultural do povo negro, atentando para o uso auto-reflexivo dessa cultura pelos sujeitos, buscando compreender como as crianças, adolescentes, jovens, adultos e velhos, constroem suas tradições culturais de matriz africana na vida cotidiana. (RODRIGUES, 2006)

Desta forma, buscar-se-á entender se na pós-modernidade, a identidade de adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral, estão sendo afetadas/alteradas em função das novas tecnologias e da influência da mídia em seu cotidiano.

A comunidade do Taquaral, objeto de nosso estudo, fica na zona rural de Três Corações, a cerca de 10 quilômetros de distância. É composta por 55 famílias descendentes de ex- escravos. Seus antepassados ocupavam esse espaço desde antes da abolição da escravatura.

Como a comunidade é formada principalmente de negros descendentes de ex-escravos, passamos a nos questionar sobre os processos de constituição de uma suposta identidade étnico-racial de adolescentes e jovens ditos quilombolas, uma vez que esses estudam e/ou trabalham fora da comunidade, não estando, portanto, restritos a esse ambiente.

Outra questão que levantamos diz respeito ao papel da mídia na constituição da identidade desse grupo, sendo essa uma importante fonte externa de informação.

Inicialmente, abordamos o conceito de diferença cultural e diversidade cultural. Tomemos a contraposição entre o conceito de “diferença cultural” X “diversidade cultural”.

Homi K. Bhabha (1998), por exemplo, destaca o estereótipo e a mímica como estratégia de conhecimento e identificação, como modo de representação complexo, ambivalente e contraditório. Trata-se da construção do sujeito no discurso e no poder colonial, articulada sob as formas da diferença (racial e sexual). O sujeito dominado e o dominador estão estrategicamente colocados no interior do discurso colonial e também no pós-colonial. (BHABHA, 1998)

Ilustrarei a princípio com este poema:

QUILOMBO, HOJE
Hoje sonhei com um Quilombo
Levantei atônito, eufórico
Quase tonto, mas pronto
Pro levante, pro embate
Pra afronta, cobrar a conta
Inspirado pela ancestral fúria
Cheguei ao cume, à cor, à cura
Acalentado pela negra literatura
Hoje acordei num Quilombo
Acordei voraz, despertei feroz
Com vez, vontade e voz
Altivo enegreci a escrita
Cheio de gosto, estou disposto
Com garbo expus meu rosto
Hoje abracei um Quilombo
De letras, poesias, crônicas, contos
Quilombo que pode ser livro
Pode ser lido, ser caderno
Pode ser eu, pode ser eterno
Hoje ginguei e ensaiei um jongo
Libertei-me como um pombo
Alcei voo para um Quilombo
Hoje...
(OLIVEIRA, 1998, p. 132)

Como se dá o discurso da identidade no poema? O que poderíamos pensar em ter que alçar voo para um Quilombo para “conviver” com a identidade? Haveria uma mescla, uma inter-relação entre “ambientes”? Não seria um hibridismo inicial entre posições diferentes? Entre diferentes locais de cultura? (BHABHA, 1998)

A partir do conceito de hibridismo, Bhabha propõe o local da cultura como o entre-lugar deslizante, marginal e estranho que, por resultar do confronto de dois ou mais sistemas culturais que dialogam de modo agonístico, é capaz de desestabilizar essencialismos e de estabelecer uma mediação entre teoria crítica e prática política. (BHABHA, 1998)

Bhabha, conceituando diversidade cultural e diferença cultural, afirma que:

A diversidade cultural é um objeto epistemológico – a cultura como objeto do conhecimento empírico – enquanto a diferença cultural é o processo da *enunciação* da cultura como “conhecível”, legítimo, adequado à construção de sistemas de identificação cultural.

[...] a diferença cultural é um processo de significações através do qual afirmações *da* cultura ou *sobre a* cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade. A diversidade cultural é o reconhecimento de conteúdos e costumes culturais pré-dados; mantida em um enquadramento temporal relativista, ela dá origem a noções liberais de multiculturalismo, de intercâmbio cultural ou de cultura da humanidade.

[...] o conceito de diferença cultural concentra-se no problema da ambivalência da autoridade cultural: a tentativa de dominar em *nome* de uma supremacia cultural que é ela mesma produzida apenas no momento da diferenciação. E é a própria autoridade da cultura como conhecimento da verdade referencial que está em questão no conceito e no momento da *enunciação*. (BHABHA, 1998, 63-64)

No capítulo intitulado “Disseminação”, Bhabha elabora o conceito de nação partindo de variações que recusam uma narrativa unitária, fundadora de sentido e organizadora do caótico a partir de um discurso “edificante”. Segundo esse pensador, o nacionalismo do século XIX revelou sua arbitrariedade ao construir discursos unissonantes, como se a nação tivesse uma nascente única. Os conflitos são ignorados, privilegiando uma concepção unidimensional da cultura, percebida como um conjunto de legados imemoriais. O discurso do nacionalismo articula um tipo de narrativa que privilegia a coesão social: “muitos como um”. (BHABHA, 1998)

De acordo com Bhabha:

em meio ao progresso e à modernidade, a linguagem da ambivalência revela uma política “sem duração”, como Althusser provocativamente escreveu em certa ocasião: “Espaços sem lugares, tempo sem duração”. Escrever a história da nação exige que articulemos aquela ambivalência arcaica que embasa o tempo da modernidade (BHABHA, 1998, p. 202).

O autor questiona “a metáfora progressista da coesão social moderna, *muitos como um*, de acordo com teorias orgânicas de holismos da cultura e da comunidade e também comungada por teóricos que consideram gênero, classe ou raça como totalidades sociais, as quais expressam experiências coletivas unitárias. (BHABHA, 1998)

Opondo-se a isso, esse teórico busca pensar a nação a partir de suas margens: as vivências das minorias, os conflitos sociais, o arcaísmo chocando-se com o moderno.

Comparando as idéias de Bhabha (1998) com as de Francisco (2006), percebe-se certa semelhança quando da análise do segundo acerca dos antagonismos de classe e raça ou nacionalidade, no Brasil pós 30.

Segundo Francisco (2006), o eugenismo no Brasil, ou seja, a busca da homogeneização da raça, baseia-se no branco europeu como modelo que encontra respaldo para esta teoria na Constituição de 1934, em seus parágrafos 6º e 7º, que tratam do “controle da imigração”, o que significava, na prática, veto à imigração de negros, amarelos e judeus.

A política de branqueamento é percebida nas iniciativas políticas e ideológicas da era Vargas e do Estado Novo, conforme apresenta Francisco (2006):

E, no Estado Novo, o brasileiro *não é na mesmidade* brasileiro, isto é, A não é A, pois se estabelece uma diferença racial e racializadora entre os brasileiros brancos e não brancos e uma diferenciação, também, entre os proprietários e os proletários. A diferenciação é absoluta, modo de apagar quaisquer semelhanças entre a elite branca, os negros e os proletários, entre a raça que faz trabalhar e a raça que trabalha, como dizia Joaquim Nabuco, entre a raça dos senhores e a raça dos servidores, como afirma Oliveira Viana, ou entre casa-grande & sobrado e Senzala & mocambo, no dizer de Freyre. Diferença absoluta e dessemelhança implicam em desigualdade efetiva, real, estrutural e funcional.

Identidade, A é A, funcionaria para as elites, que idealizam um país e uma nação/estado para si. Daí a defesa da integridade do território nacional, da unidade lingüística nacional, a defesa intransigente de certo *ethos nacional*, distinção de brasilidade, como a cordialidade, a harmonia social e racial, a afinidade (cultural, jurídica e política) com a Europa-mãe.

É que o Brasil, enquanto promissora nação euro-descendente, tem território, tem unidade lingüística, ostenta certa distinção cultural, apresenta instituições jurídicas e políticas civilizadas e, sobretudo, terá uma *raça brasilis*, civilização da morenidade que já terá implantada nos trópicos a elevada cultura euro-norte-americana. Esse projeto de identidade sócio-histórica pode ser sistematizado em cinco grandes objetivos econômicos e políticos ideológicos ou sócio-culturais e suas respectivas formas políticas de operacionalização:

A) Busca da sociedade moderna, fundada nos interesses nacionais e no desenvolvimento industrial;

- B) Busca da modernização pela organização/controle dos trabalhadores, através da regulamentação jurídica dos conflitos entre Capital e Trabalho;
- C) Preparo de uma raça homogênea e sustentação da unidade/indivisibilidade do país, pelo controle racial da imigração e pelo eugenismo que transformava a “semana da independência” em semana da raça e da pátria;
- D) Valorização e proteção do homem brasileiro, que se traduzia em política educacional para setores altos e médios e política de alfabetização e de instrução para preparar o trabalhador;
- E) Defesa do progresso material do país, meta presentificada pela difusão do sentimento de patriotismo e do nacionalismo, resumido por Lindolfo Collor no lema “tudo pelo Brasil” e “tudo contra os inimigos do Brasil”, sobretudo pelo rádio. (FRANCISCO, 2006. p. 134)

Após traçar alguns aspectos acerca da cultura em Bhabha, Francisco e Rodrigues, passo a apresentar o conceito de identidade em Hall (2001).

Em seu livro *Identidade cultural na pós modernidade*, Hall (2001), abre a discussão sobre identidade, dizendo que a mesma vem sendo intensamente discutida pela teoria social. E que as velhas identidades, que por muito tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, e novas identidades estão surgindo, fazendo com isto emergir o homem moderno fragmentado.

Afirma Hall (2001), que a chamada “crise de identidade” é vista como um processo mais amplo de mudança. E que este processo faz com que o sujeito, antes tido como unificado, agora se apresente, em meio às mudanças societárias globais, como um indivíduo deslocado. O autor inicia o livro apresentando três concepções de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós moderno.

O sujeito do iluminismo baseava-se numa concepção de pessoa humana centrada, unificada, dotado da capacidade de razão, de consciência e de ação, cujo "centro" consistia num núcleo interior. Já o sujeito sociológico suas características então centradas na sua capacidade de interagir com o mundo, é a relação entre o mundo individual e o mundo público. E o sujeito pós-moderno seria aquele composto por várias identidades. Este sujeito se caracteriza como não tendo uma identidade, uma identidade fixa, essencial ou permanente. “O sujeito assume identidades diferentes em

diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu”, coerente.” (HALL, 2001)

O autor apresenta a contemporaneidade marcada pela presença de sociedades de mudanças constantes, rápidas e permanentes. Sendo esta a principal distinção entre as sociedades tradicionais e as modernas.

O autor dialoga com alguns teóricos culturais, tais como: Marx e Engels, Anthony Giddens, David Harvey e Ernest Laclau, buscando tratar das características de mudança da modernidade tardia, onde as sociedades não contam com um centro articulador e organizador, que Laclau chama de “deslocamento”. Neste aspecto as concepções de sujeito do iluminismo e sociológico se desestabilizam e desarticulam, surgindo novas identidades, que na visão do autor são abertas, contraditórias, plurais e fragmentadas (sujeito pós-moderno).

O autor apresenta ainda Marx, Freud, Lacan, Saussure e Foucault, como os grandes colaboradores do descentramento do sujeito, uma vez que estes autores apresentaram as várias possibilidades de identidade do indivíduo.

Além destes descentramentos o autor cita um quinto descentramento que é provocado pelo impacto do feminismo. Apresenta o feminismo, como parte dos movimentos sociais que emergiram na década de 60. Afirmado que a luta de cada um destes movimentos, constituiu o nascimento histórico do que veio a ser conhecido como *a política de identidade*, uma política para cada movimento.

No entanto:

muitas pessoas não aceitam as implicações conceituais e intelectuais desses desenvolvimentos do pensamento moderno. Entretanto, poucas negariam agora seus efeitos profundamente desestabilizadores sobre as ideias da modernidade tardia e, particularmente, sobre a forma como o sujeito e a questão da identidade são conceptualizados (HALL, 2006, p.12).

Como podemos perceber a questão da identidade permeia os debates de vários teóricos no intuito de conceituá-la na pós-modernidade. A concepção do sujeito

fragmento, descentrado, em constante mudança, parece-nos ser aquela que caracteriza melhor o sujeito pós-moderno.

O Discurso e as Mídias

Em relação a mídia e seguindo o trabalho de Soares (2008), optamos pela caracterização do termo mídias no plural, por buscar abranger um conjunto mais amplo. Nesse sentido, quando pontuamos sobre as mídias, definimos pelo conceito de comunicação as mídias de massa, das artes e da literatura; nesse bojo podemos elencar o rádio, a televisão, as propagandas, o cinema, teatro, música, todas as expressões literárias, acolhendo a este conceito também as mídias emergentes associadas às tecnologias de informação e comunicação (TIC's) que, para a autora, compreendem em três aspectos, o uso da informática, das telecomunicações e das mídias eletrônicas (SOARES, 2008).

Considerando que as mídias podem ser entendidas tanto como um suporte de gêneros textuais/discursivos, sejam orais, escritos ou multissemióticos, podemos acompanhar o pensamento de Silverstone (2002 apud LAIS, 2011, p.3): “a mídia deve ser pensada como um processo de mediação que se estende para além do ponto de contato entre textos midiáticos, leitores ou expectadores”. Deve-se observar que como meio de entretenimento, os "significados são produzidos, oferecidos e transformados”. De forma que, para Lais (2002), a mídia implica em uma interação de significados de um texto para o outro, de um discurso para o outro, de um evento para o outro, pois existe uma constante mutação de significados à medida que textos da mídia e sobre a mídia circulam em forma escrita, oral e audiovisual (LAIS, 2011, p.3).

Nesse conjunto de suportes ou *midium*, conforme nos traz Maingueneau (2001), observaremos com maior atenção o telefone (celular), a televisão e a internet (com ênfase na rede social Facebook).

Esses suportes estão relacionados a grandes transformações na sociedade tanto em escala local quanto mundialmente globalizada. Propulsoras da chamada "cultura de

massa", vemos nos trabalhos de Ianni (2004, p.145) que a mídia impressa e eletrônica é responsável pelo processo de mundialização cultural que "organizou-se como uma indústria cultural, inclusive como setor produtivo altamente lucrativo, de alcance mundial".

Os conglomerados de mídia possuem tanta capilaridade em todas as dimensões societárias que se articulam e orquestram sua atuação de forma a alcançar "os mais distantes lugares, cantos e recantos" (IANNI, 2004, p.145).

Com a utilização de recursos que estão ligados principalmente à imagem, combinam-se o marketing globalizado, com o qual convivemos e confundimo-nos muitas vezes, e no qual a mídia "difunde e reitera continuamente valores prevalentes nos centros dominantes, irradiados desde as cidades globais, tecendo mercadoria e ideologia, corações e mentes, nostalgias e utopias" (Idem, 2004, p.145).

Considerando o boom que foi a explosão da Internet, esta se tornou um "conglomerado de redes em escala mundial de milhões de computadores interligados que permite o acesso a informações e todo tipo de transferência de dados" (LAIS, 2011, p.3). Diante desses fatos, novos conceitos surgiram e com eles novas formas de suporte e de usos dos gêneros textuais discursivos, que se renovam e se atualizam com a popularização e difusão das tecnologias digitais (MARCUSCHI, 2008).

O conjunto de tecnologias digitais forma a infraestrutura conhecida como ciberespaço. Este se materializa por meio de uma conjunção com diversos ambientes virtuais que compreende os sites, a web, os blogs, os chats, correio eletrônico por e-mails, as redes sociais, etc. Nesse sentido, o ciberespaço se tornou "uma nova dimensão que emerge com a digitalização do simbólico e sua circulação através da rede mundial de computadores e de tantos outros mecanismos tecnológicos que vão interagindo com as dimensões preexistentes, gerando novas lógicas e formas de relação cultural" (LAIS, 2003, p.4).

Na medida em que os gêneros discursivos e, principalmente, os suportes vão se imbricando, como vemos no caso da televisão que se apropria de instrumentos e gêneros ligados ao ciberespaço, ou a internet e seus componentes, temos também a

telefonia celular avançada que popularizou o meio de comunicação e agregou à tecnologia digital outros elementos midiáticos como a TV digital e a internet (dentre outros).

Nesse aspecto, Ianni (2004, p.4) enfatiza que:

Outras linguagens aparecem de maneira complementar, assessoria, ou propriamente subordinada à imagem. Tanto assim que a mídia apresenta aspectos e fragmentos das configurações e movimentos da sociedade global como se fosse um vasto espetáculo de videoclip. A "multimídia" mais frequente, caracterizando um aspecto fundamental da cultura de massa na época da globalização (IANNI, 2004, p.146).

Visto que a convergência das mídias é um fenômeno consolidado e difundido, não de ser reconsiderados os termos de suporte e mídia. Não com caráter de substituição, mas sim, como agregador e ampliador para os termos.

As novas plataformas de interação, comunicação e produção de conteúdo, extrapolam os suportes convencionais e democratizam a relação de emissão e recepção de mensagens. Consideramos que uma vez feita a enunciação, esta extrapola o domínio do enunciador e passa ao domínio do receptor que a processa e pode modificá-la de acordo com a sua prática social discursiva, gerando um novo conteúdo, a ser difundido nesse novo conceito sugerido para suporte.

Seguindo a reflexão linguística de Távora (2008) sobre a questão da televisão e, principalmente, da internet ou do uso da mediação de computadores para o acesso aos gêneros, temos que avançar a compreensão sobre o que seria de fato suporte e como classificar e utilizar a expressão mídia.

Para o caso da televisão, telefone (celular, smartphone, Iphone, tablet) e internet, antes considerados suportes para gêneros textuais e discursivos – seja de ordem oral ou escrita - vemos uma indicação para a utilização do termo “suporte” por “mídia”. Essa sugestão ocorre porque para Távora (2008 *apud* BONINI, 2011, p.688) “uma mídia [é] um processo tecnológico de mediação da interação languageira”.

Conforme as mídias são desenvolvidas ou apresentadas, há uma necessidade de adequação dos gêneros aos novos formatos, novas estruturas. A exemplo dessas

transformações, temos o jornal como típico exemplo de gênero discursivo que se transmuta em seu formato conforme o suporte e/ou a mídia que o apresenta. O fato de ser um exemplar impresso no papel ou uma página de internet (website do jornal) esses fatores não o diferenciara enquanto gênero, mas a sua apresentação e a forma de manipulação pelos seus leitores e principalmente pelos seus editores terão menor ou maior grau de complexidade além de possibilitar ou não uma maior integração de seu conteúdo com outros textos, com o uso de hiperlinks e hipertextos (GOULART, 2011).

Bonini (2011) define esse processo da seguinte forma:

Uma mídia estabelece coordenadas (processos de edição, relações espaciais e temporais particulares entre interlocutores, etc.) às quais o gênero se ajusta, de modo que as várias versões de uma mesma notícia na televisão, no rádio, no jornal e na internet são coisas relativamente distintas em função do tipo de mediação linguageira a que estão sujeitas. Em oposição ao gênero, que é uma unidade da interação linguageira, a mídia é um elemento contextualizador no interior do qual o gênero circula. [...] Mas não se trata de um elemento inócuo em relação ao gênero, uma vez que é a mídia que determina as coordenadas de cada gênero que nela circula (BONINI, 2011, p.688).

Nesse sentido, se entendemos a mediação que é possibilitada por certos “suportes” e a sua incidência na modalidade em que cada gênero apresenta, transformando-o, transfigurando-o, adaptando-o às novas tecnologias, podemos então inferir que a televisão, o telefone celular e a internet não se caracterizam mais como suportes de gêneros, mas como mídias (discursivas).

Como referido acima, dado aos avanços tecnológicos novos conceitos surgem e esse processo tem sido muito discutido no âmbito das pesquisas em comunicação. Lucia Santaella (2003, p.84) se refere a ele como convergência das mídias.

No entanto utilizando, em parte, da caracterização feita por Marcuschi (2008) sobre a televisão como um tipo de suporte, temos alguns aspectos que podemos apontar.

A televisão pode ser considerada um suporte em sentido restrito (assim como o rádio) porque os gêneros não podem ser simplesmente afixados em sua tela, de forma que a sua disposição e a sua divulgação se dá por intermédio de um serviço ou meio,

este materializado pela emissora que é responsável pela produção e transmissão de seus conteúdos.

Como um meio de comunicação, a televisão é um mecanismo voltado para a produção, difusão e a avaliação de informações destinadas a diversos públicos, e nesse sentido, é constituída e permeada por inúmeras formas e tipos de gêneros textuais e discursivos.

Através do uso da imagem e de outros recursos audiovisuais, a televisão “pode servir-se de outros suportes e até de eventos complexos, [através da] transmissão de teatro, cinema, congresso e assim por diante”. E não sabemos ainda como tratar o caso do cinema e do teatro. Embora esses não sejam considerados suportes propriamente ditos, mas “ambientes ou até instituições”. Temos a reprodução de “peça[s] de teatro” e a exibição de “filme[s] em si [que] são gêneros” (MARCUSCHI, 2008, p.181).

Tomando como parâmetro a sociedade pós-moderna denominada também por “sociedade de consumo”, observamos como características do homem pós-moderno as relações mediadas pelo consumo.

Para entender a contemporaneidade é preciso pensar em uma sociedade estruturada e orientada pela comunicação. Desde a sua criação, a televisão é entremeada pelo entretenimento. A TV hoje expõe a realidade em tempo real. Sem sair de casa o telespectador “viaja pelo mundo”, ele fica informado sobre o que acontece nos Estados Unidos, Ásia e África em questão de segundos. A TV tem a capacidade de fazer interagir os sentidos da audição e visão e principalmente invade o emocional, levando o telespectador a interagir, seja pelo riso ou pelo choro. É a companheira cotidiana de milhões de brasileiros.

Na atualidade o espectador é bombardeado diariamente seja nas capas de revistas, manchetes de jornais e nas imagens diárias dos telejornais por anúncios, escândalos e denúncias acontecimentos com os quais ele se identifica, pois se faz partícipe de tais situações. O poder da mídia transforma a comunicação eletrônica em uma forte aliada do cidadão. É o que Rubim (2000) chama de “Idade Mídia”.

Ilustrando essa situação temos em Marcondes Filho (1994) um exemplo da transformação promovida pela mídia:

O jornalismo torna-se hoje, cada vez mais, um tipo de porta-voz das massas, da opinião pública. Ele ocupa esse lugar, exatamente porque desaparecem os canais tradicionais de organização das pessoas que antes eram os partidos políticos, os sindicatos, as associações de defesa de interesses, as agremiações das mais diversas naturezas (MARCONDES FILHO, 1994. 61).

Os anos 90 foram palco da ideologia neoliberal, que culminou no enfraquecimento dos sindicatos combativos e desmobilização dos movimentos sociais, construindo-se o ideário de responsabilização da sociedade civil e conseqüentemente o desmantelamento do Estado em relação às políticas públicas.

Tal desmantelamento culmina com o afastamento entre sociedade civil e Poder Público, criando-se um vácuo, provocando a busca de outros mediadores para garantirem os direitos básicos de cidadania. “Em plena “Idade Mídia”, em que as relações sociais estão se “virtualizando”, e no ritmo agitado das grandes metrópoles, os encontros e as discussões políticas locais se dissolvem” (COSTA, 2003, p.4).

De acordo com Bauman (2001), o atual sistema envolve *a priori* os indivíduos como consumidores, e esses são guiados por desejos e seduções (fetiche da mercadoria) contidas nas marcas e símbolos, com tal sutileza quase imperceptível nas relações sociais. Tal fenômeno, no entanto, não é espontâneo, ele se refrata na forma como o consumo é estruturado na sociedade contemporânea. “Os objetos são personificados, reificados, enquanto o indivíduo e/ou os outros são objetificados e instrumentalizados” (SEVERIANO, 2007, p. 221). Vemos nesse processo mais a criação de um desejo provocado pela propaganda do que uma necessidade para o consumo.

Na idealização, o sujeito, ao fascinar-se pelo objeto feticizado, cria um estado a-conflitivo, no qual toda falta está ausente. Esse movimento regressivo da psique, aos moldes do ego narcísico primitivo, de natureza conservadora, gera uma atitude de imobilidade e ausência de qualquer negatividade ou crítica. Provavelmente, essa pseudocompletude fornecida pelo “fascínio” do objeto-fetiche é um dos principais responsáveis pelo poder de sedução que a “marca” exerce e os mass media em geral, sobre seus consumidores,

fornecendo-lhes “prestígio” e “personalidade”, atenuando e gerenciando conflitos. (SEVERIANO, 2007, p. 222)

Temos na televisão a forma midiaticizada de como esse consumo é apresentado ao telespectador/consumidor, como uma forma de inclusão e suprimento das suas supostas necessidades/fantacias.

A publicidade na televisão, principalmente como um meio de divulgação das marcas, passa a ter a possibilidade de trabalhar com dois pontos importantes do indivíduo: a necessidade de pertencer a um grupo, de modo a atribuir ou fortalecer sua identidade; e o mal-estar do período em que vivemos hoje, em que os indivíduos vivem caracterizados pela falta de referências e solidão, justificados pelo conceito de pós-modernidade.

Ao considerar a publicidade como um intermediário cultural, passa a lhe ser atribuído, necessariamente, um papel forte à promoção da cultura de consumo. Como um importante cristizador e difusor de formas simbólicas, a publicidade traduz em imagens e sons, mensagens que irão servir como um chamariz para a identificação de um grupo da sociedade diante de um produto/serviço.

Através da publicidade, as marcas adquirem a função de criar uma identidade, veicular valores e criar mundos possíveis. Ou seja, ao anunciar seus valores, conta histórias irreais ou fictícias, relacionadas ao cotidiano, com o objetivo de construção de imagem, através de valores que apresentam ressonância com os valores do público-alvo. Deste modo, a marca deve buscar simplificar a informação, permitindo o fácil acesso, ao mesmo tempo em que transfere seus valores para outros objetos.

Em relação ao telefone vemos em Marcuschi (2008), que o telefone é um suporte para gêneros orais prevalentemente. Além do aspecto técnico desse aparelho possibilitar a comunicação verbal falada, na atualidade, devido a evolução tecnológica, o telefone deixa de ser apenas um suporte-meio, para se transformar em uma mídia de comunicação. Com o telefone, podemos fazer uso de gêneros orais, escritos e multissemióticos, pois concomitantemente com o avanço tecnológico em relação ao telefone surge a crescente demanda por novos serviços tais como: a integração de outras

funções como envio de mensagens (mms ou sms), o acesso a rádio, televisão digital, conexão sem fio de internet, transmissão de dados pelo Sistema Bluetooth, a geração de aparelhos conhecidos como “smarthphones”, “Iphones”.

A popularização de elementos da internet que foram configurados para sua utilização em aparelhos de celular trouxe uma complexa rede de conexões e interatividade por meio dos gêneros textuais e discursivos que são criados ou transformados pela necessidade de agilidade na transcrição das informações e no surgimento de plataformas de interação conhecidas como redes sociais.

Segundo Marcuschi (2008), a Internet é um suporte capaz de albergar vários tipos de gêneros de forma a criar interfaces que conduzem os seus usuários a outros gêneros, esses em diversos formatos. Para o autor, a internet, enquanto ciberespaço tem a capacidade de contemplar em sua estrutura todos os gêneros existentes além de demandar a criação de novos.

Dentro desse universo multimidiático da internet, temos como um dos gêneros emergentes páginas, sites, blogs, e-mails, e em especial, as redes sociais, tais como o Facebook (MARCUSCHI, 2008).

Compreendemos o Facebook como um gênero digital da pós-modernidade que possibilita à sociedade e seus pares se organizarem em uma realidade síncrona e transporta para a realidade virtual todos os componentes da vida real por meio da reprodução e compartilhamento de comunicações feitas através de outros gêneros discursivos implicados nesse processo (IANNI, 2004; BERTO & GONÇALVES, 2012).

Para Berto & Gonçalves (2012, p.101), o Facebook “viabiliza uma forma de interação social complexa, na qual diferentes signos relacionam-se para compor a mensagem. Portanto, a noção de texto ultrapassa os limites do código linguístico, ao se associar com outras semióticas”.

Nesse sentido, é importante analisar o fenômeno linguístico Facebook, uma vez que grandes contingentes de usuários apreendem novas formas de sociabilidade com o uso desse gênero como um instrumento midiático, além de “reorganizar suas tradições

culturais e conversacionais de forma a adaptar-se às novas ferramentas enunciativas existentes” (BERTO & GONÇALVES, 2012, p.102).

Comunidades Quilombolas

O que são comunidades quilombolas?

O termo “remanescente de comunidades quilombolas” surge na assembleia constituinte de 1988, período do processo de redemocratização do país.

O quilombo é trazido para a pauta do debate travada pelo movimento negro e por parlamentares envolvidos no processo da luta antirracista. Esse debate não foi apenas para a discussão da propriedade fundiária, mas principalmente pelo resgate de uma dívida histórica da nação brasileira com os afrodescendentes, durante o período da escravidão no Brasil.

O artigo 68 da Constituição Federal dispõe que: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos.” No entanto, o termo “remanescente” trazendo a conotação de algo do passado, que já não existe e o termo “quilombo” como unidade fechada, coesa, de resistência, remetendo à estrutura do Quilombo de Palmares, trouxeram algumas restrições. Isso por que a expressão não denominava a autoidentificação desses grupos e por tratar-se de uma identidade ainda a ser politicamente construída.

Foram necessários muitos embates e lutas entre os grupos conservadores que tinham interesses financeiros e o movimento negro e os defensores dessa causa, para garantir a efetividade desse direito, mas ainda existem inúmeros entraves que dificultam a esse segmento populacional o acesso à titularidade.

Segundo Brasil (2010, p.6), comunidade quilombolas “são grupos com identidade cultural própria e que se formaram por meio de um processo histórico que começou nos tempos da escravidão no Brasil. Elas simbolizam a resistência a diferentes formas de dominação”.

Essas comunidades mantêm forte ligação com sua história e trajetória, preservando costumes e culturas trazidos por seus antepassados. As comunidades quilombolas compõem um conjunto maior de grupos sociais, o dos povos e comunidades tradicionais (BRASIL, 2010).

Sabe-se que a terra é o elemento fundamental e que singulariza o modo de viver e produzir das comunidades quilombolas.

Os traços de ancestralidade, resistência, memória, presente e futuro sintetizam o significado da terra para essas comunidades, “fortemente marcadas pela tradição e respeito aos bens naturais como fonte garantidora de sua reprodução física, social e econômica” (Programa Brasil Quilombola 2010, p. 6)

Considerações Finais

Ao iniciar nossa pesquisa havia a intenção de lançar um olhar sobre os adolescentes e jovens da Comunidade do Taquaral em relação à constituição das suas identidades e desvelar até que ponto a mídia e as novas tecnologias os influenciavam na construção das mesmas.

Nesse aspecto entendemos que as nossas hipóteses foram todas confirmadas pela pesquisa, uma vez que em relação à primeira hipótese, “a mídia exerce influência na formação identitária do adolescente e jovem quilombola da Comunidade do Taquaral”, fica evidente que principalmente a TV, foi marcadamente importante na escolha dos nomes dos adolescentes, sendo essa a diversão mais popular a que tem acesso e continua a exercer influência, mesmo que de forma velada. O facebook também foi um fato revelador da influência que as mídias eletrônicas exercem no cotidiano dos entrevistados, uma vez que o percentual de adolescentes e jovens que os utiliza, é bem próximo.

Em relação à segunda hipótese, “a perda de identidade quilombola dos adolescentes e jovens da comunidade do Taquaral tem relação com a sua inserção no mercado de trabalho e/ou com a mudança de escola para o contexto urbano”, percebemos que talvez não tenha ocorrido uma perda de identidade, mas fica evidente

que tanto os adolescentes quanto os jovens não tem como premissa maior a preservação dos traços culturais de matriz africana, até por que não se percebe um trabalho desenvolvido com essa comunidade, que vise preservar esses valores. Talvez se faça necessário o desenvolvimento de projetos a serem desenvolvidos pelo poder público e demais instituições de ensino, voltados a essa causa.

A terceira hipótese “a necessidade de ser aceito pelo grupo, exerce muita influência na assimilação e aquisição de produtos e serviços oferecidos no mercado global/local”, também a nosso ver foi confirmada, uma vez que ficou comprovada a aquisição de bens tecnológicos por parte dos entrevistados e das suas respectivas famílias, como formas de acesso ao mundo globalizado, pois, dessa forma, como já dissemos anteriormente nesse trabalho, não estar conectado com os mesmos aparatos tecnológicos do meio urbano, significa estar desconectado do mundo e estar desconectado é uma forma de exclusão. Por isso a necessidade de ter os celulares para conectar o facebook, fazer a assinatura de TV digital para acessarem os mesmos programas e poderem falar o mesmo discurso, etc.

E a última hipótese “existe o desejo inconsciente de preservação da identidade cultural do povo africano”, também no nosso entendimento foi confirmada. Ao utilizarem um estilo próprio de vida rural e de continuidade de constituição de família a habitar o mesmo espaço, onde viveram seus ancestrais, pode conter aí um desejo implícito de preservação dessa cultura. No entanto, sabemos e queremos deixar registrado que esse é apenas o início de um debate que deverá ser continuado e aprofundado. Assim, esperamos que este trabalho suscite novas indagações e novos estudos.

Cumpre-nos, no entanto, indagar qual a real utilidade social de uma investigação como essa? Se tanto já se produziu em relação à questão racial no Brasil ainda há espaço para indagações dessa natureza? Entendemos que sim... Pois, percebemos que os moradores do Taquaral estão imersos em uma intrincada relação de poder e de desigualdades sociais, que os expõem a situações de exclusão. Tal exclusão faz emergir a individualidade em busca da aquisição de bens não duráveis tais como os

celulares, aparelhos eletrônicos, TV por assinatura, etc., que lhes permitem a sensação de pertencimento, tanto quanto os moradores da cidade. No entanto, prosseguem sem acesso aos direitos de cidadão, aliados das decisões do poder e experimentando a agonia da submissão e da falta de esperança para solucionar problemas relacionados às suas necessidades básicas.

Para nós, esse processo investigativo é socialmente relevante na medida em que busca investigar o problema proposto pela ótica daqueles que vivenciam cotidianamente as formas e as consequências do problema em questão, os adolescentes e jovens do Taquaral. E isso por si só já seria o suficiente para motivar o trabalho junto a esse segmento minoritário exposto a essas influências.

Percebemos no desenvolver da pesquisa, por exemplo, que tanto os adolescentes quanto os jovens entrevistados, não referenciam as histórias orais e traços culturais de seus antepassados como um valor. Talvez não haja essa preocupação, por que não se trabalhou a história da sua ancestralidade como um valor a ser preservado.

Talvez isso ocorra uma vez que

significa que os mecanismos alienadores, a ideologia da elite dominadora introjetou em vasta camada de não brancos os seus valores fundamentais. Significa também, que a nossa realidade étnica, ao contrário do que se diz, não iguala pela miscigenação, mas, pelo contrário, diferencia, hierarquiza e inferioriza socialmente de tal maneira que esses não brancos procuram criar uma realidade simbólica onde se refugiam, tentando escapar da inferiorização que a sua cor expressa nesse tipo de sociedade. Nessa fuga simbólica, eles desejam compensar-se da discriminação social e racial de que são vítimas no processo de interação com as camadas *brancas* dominantes que projetaram uma sociedade democrática *para eles*, criando, por outro lado, uma ideologia escamoteadora capaz de encobrir as condições reais sob as quais os contatos interétnicos se realizam no Brasil (MOURA, 1988, p. 63 – 64).

Sabemos que as novas políticas de identidade que emergiram no contexto da redemocratização nacional, nas primeiras décadas de 1980, através de medidas que promoveram uma nova vertente cultural, apontam para o reconhecimento de uma identidade brasileira dotada de natureza multiétnica e multicultural ao criar:

uma demanda renovada de informações e símbolos africanos ainda que, muitas vezes, à maneira de um pacote já pronto, composto de fragmentos essencializados da cultura africana e de uma generalização global sobre a natureza do “povo africano”. (SANSONE, 2004, p. 98).

No entanto, no Brasil, assim como em grande parte dos outros países onde se encontram os remanescentes da diáspora africana, as culturas negras ainda são consideradas como subculturas, não alcançando sua plenitude e nem reconhecimento por parte da cultura dominante. Isto faz com que os negros tenham maior dificuldade para assumir uma posição identitária cultural, ficando dessa forma à mercê das influências da cultura dominante e principalmente buscando se inserir por meio dos equipamentos tecnológicos que se apresentam na sociedade globalizada.

Sabemos do poder que as mídias (principalmente a televisiva) exercem no cotidiano da população brasileira e a sua abrangência global e local até nos mais distante rincões.

Objetiva-se com esse trabalho contribuir para que a comunidade do Taquaral obtenha maior visibilidade pelo poder público local e que de alguma forma sejam criadas alternativas de trabalho junto a essa população.

Sabemos que a disponibilidade das novas tecnologias são necessárias para o empoderamento dessa comunidade no que diz respeito ao mundo globalizado, no entanto, esperamos que as novas gerações, que são hoje influenciadas pelo contato com as mídias do mundo pós-moderno, possam desenvolver projetos que resgatem também a questão da identidade cultural de origem afro, preservando assim a cultura histórica do seu povo.

Esperamos também que esse trabalho contribua de alguma forma para que a Comunidade do Taquaral consiga a sua titulação quilombola, pois se percebe esse desejo mesmo que ora se apresente de forma incipiente, mas uma demonstração disso foi à organização da associação de moradores. Tal procedimento trará inúmeros benefícios para aquela comunidade, dentre esses os fomentos para que os moradores dessa localidade possam gerenciar projetos de autogestão, oficinas de resgate da

identidade cultural e assim sentirem parte da comunidade tricordiana e da história da cidade, tendo a sua cidadania restaurada.

Media, culture and identity: fragments of a see

Abstract: This article aims to present concepts related to culture, media and identity, trying to correlate them to the search of quilombola communities traditions, specifically the Taquaral community in the city of Três Corações, MG.

Keywords: Media, culture, identity, quilombolas .

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado: nota sobre os Aparelhos ideológicos de Estado (AIE)**. 2. ed. Tradução de Walter José Evangelista, Maria Laura Viveiros de Castro: Introdução crítica de José Augusto Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro : Graal, 1985.

ARAÚJO, Inês Lacerda. **Do signo ao Discurso: introdução à filosofia da linguagem**. São Paulo: Parábola, 2004.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da Criação Verbal**. Tradução: Maria Ermantina Galvão Gomes. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.277-326.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 12ª edição. Hucitec, 2006.

BASTO, L. Cleverson, CANDIOTTO, Kleber, B. B. **Filosofia da Linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

BAUMAN, S. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BERGER, Peter L e LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Petrópolis, Vozes, 1985.

BERTO, Matheus & GONÇALVES, Elizabeth. **Diálogos online. As intersemioses do gênero Facebook**. In: Revista Ciberlegenda. Disponível em:

<http://www.uff.br/ciberlegenda/ojs/index.php/revista/article/view/452/277> Acessado em 01/04/2013.

BHABHA, H. (org.) **Narrating the Nation**. Londres: Routledge, 1990.

_____ **O local da Cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

BONINI, Adair. **Mídia / suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações**. Rev. bras. linguist. apl., 2011, vol.11, no.3, p.679-704. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbla/v11n3/05.pdf> Acessado em 01/04/2013 às 11:28

BRASIL, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Guia de cadastramento de famílias quilombolas**. 2ª ed. Brasília: MDS, 2010.

BRASIL/SEPPPIR, Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. **Perspectivas Negras: Construindo políticas públicas na intersecção entre Juventude e Promoção da Igualdade Racial**. Brasília: Seppir/PR, 2011.

CAMPOS, Ana Paula. **Minha caneta é a enxada: um estudo sobre a comunidade quilombola do Taquaral**. Três Corações: UninCor, 2013 (Dissertação de Mestrado).

CANCLÍNI, Nestor García. **Consumidores e cidadãos; conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2009.

CORACINI, M.J. **Identidade e discurso: (dês) construindo subjetividades**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2003.

COSTA, V.M.T. **A Mídia Televisiva e a Exclusão nas Cidades**. Belém: Editora Unama, 2003. (Revista Movendo Idéias, v8, n.13) Disponível em: http://www.nead.unama.br/site/bibdigital/pdf/artigos_revistas/222.pdf Acessado em 15/06/2013 Às 11:48

DERRIDA, J. **Writing and Difference**. Londres: Routledge, 1981.

DREYFUS, H. e Rabinow, P. Michel **Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics**. Brighton: Harvester, 1982.

FAIRCLOUGH, N. **Language and Power**. New York: Longman, 1989.

_____. **Discurso e Mudança Social**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FARACO, C. A. et al. **O falante: que bicho é esse, afinal?** In: Letras, Curitiba, n. 49, p. 158-170. 1998. Editora da UFPR

FERNANDES, C.A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Ed.Trilhas Urbanas.Goiânia, 2005.

FOUCAULT Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense- Universitária, 1995.

_____. **Microfísica do poder**. 14 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. **A ordem do Discurso**. Disponível em: Fonte: <http://www.scribd.com/doc/2520353/Michel-Foucault-A-Ordem-do-Discurso> Acessado em: 25/09/2011.

FRANCISCO, Dalmir. Comunicação, identidade cultural e racismo. In: FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.) **Brasil afro-brasileiro** 2ª ed. Belo Horizonte, Autêntica, 2006.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GOULART, Cecília. Letramento e novas tecnologias : Questões para a prática pedagógica. In: COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. E. (Org.) **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 3ª Ed. Belo Horizonte: Ceale-Autêntica, 2011

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. 103 p. Título original: The question of cultural identity.

_____. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

IANNI, O. **A era do globalismo**. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

IBGE (2011) - **Censo 2010** – www.ibge.gov.br -consultado no dia 08 de janeiro de 2013 às 17:44 h.

INDURSKY, Freda. FERREIRA, Maria Cristina (Org.). **Michel Pêcheux e a Análise do Discurso: uma relação de nunca acabar**. São Carlos: ClaraLuz, 2007.

LACAN, J. "The mirror stage as formative of the function of the I". In **Ecrits**. Londres: Tavistock, 1977.

LAIS, Cláudia. **O uso dos gêneros digitais na sala de aula**. Anais eletrônicos do I Simpósio Regional de Educação/Comunicação. 2011 Disponível em:https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&ved=0CDEQFjAA&url=http%3A%2F%2Fead.unit.br%2Fsimposioregional%2Fhtm%2Fdownload.php%3Ffile%3D..%2Fgt02%2FGENEROS_DIGITAIS.pdf&ei=vOpYUeGiBc-Vswaty4CACQ&usg=AFQjCNGg7LoU1F1TDZf5HMIfmFBFAtyx9Q&sig2=WCXa_mhDahja6Wixi6YJ-A&bvm=bv.44442042,d.Yms Acessado em: 31/03/2013 às 22:16

LIZ, Anderson Henrique. **Levantamento Planimétrico da Comunidade do Taquaral (MAPA)**. Três Corações: PMTC, 2007.

LOWY, M. **Ideologia e ciência social**. São Paulo: Cortez, 1985.

LUCIRIO, Ivonete. **Velhos vícios, novos jovens - Os jovens não abrem mão de vícios antigos como o álcool e as drogas, mas incorporaram outros à sua vida como dependência da tecnologia e a vigorexia**. Revista Viva Saúde - Edição 103 - São Paulo: Editora Escala, 2011). Disponível em: <http://revistavivasaude.uol.com.br/saude-nutricao/103/velhos-vicios-novos-jovens-os-jovens-nao-abriram-mao-240713-1.asp/> Acessado em: 16/07/2013.

McGREW, A. "A global society?". In: Stuart Hall; David Held e Tony McGrew (orgs.). **Modernity and its futures**. Cambridge: Polity Press/Open University Press, 1992.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da Fala para a Escrita: Atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2004.

MOURA, Clóvis. **Sociologia do Negro Brasileiro**. São Paulo: Editora Ática, 1988, vol. 34, p. 63–143. (Série Fundamentos)

MUSSALIM, F. ANÁLISE DO DISCURSO. In: MUSSALIM, F., BENTES, A.C. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez 2001.

OLIVEIRA, Sidnei de Paula. *Quilombo hoje*. In: RIBEIRO, Esmeralda & BARBOSA, Marcio (Org.). *Cadernos Negros: os melhores poemas. Volume 31 - poemas afro brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 1998.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**. 4 ed. Campinas: São Paulo: Pontes, 1996.

_____. **Análise de Discurso: Princípios e procedimentos**. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

PAIM, Carmelice Aires. **Adolescentes negros no ensino fundamental: representações de si e construção de identidades** - Campinas, SP :UNICAMP, 2010 (dissertação de mestrado).

PÊCHEUX, Michel (1967). **Sob o pseudônimo de Thomas Herbert. Observações para uma teoria geral das ideologias**. Trad. brasileira de Carolina M. R. Zuccolillo, Eni P. Orlandi e José H. Nunes. RUA, nº 1, Campinas, 1995, p. 63 – 89.

PEREIRA, Claudio (Blog). **Reunião na Comunidade rural do Taquaral; mais uma vez a falta de água...** Disponível em: <http://drclaudiopereira.blogspot.com.br/2012/04/reunião-nacomunidade-rural-do-taquaral.html> Acessado em 18/03/2013 às 12:04.

PROGRAMA BRASIL QUILOMBOLA. **Comunidades Quilombolas Brasileiras. Regularização Fundiária e Políticas Públicas**. Presidência da República/Secretaria Especial de Promoção da Igualdade Racial/Subsecretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais. 2010.

- RODRIGUES, José Carlos. **O tabu do corpo**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2006.
- SANTAELLA, L. Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Editora Paulus, 2003.
- RUBIM, Antônio. A. C. **Contemporaneidade, (idade) mídia e democracia**. IN: DOWBOR, Ladislau et al. Desafios da Comunicação. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SANTOS, Milton. O espaço do cidadão. 3.ed. São Paulo: Nobel, 1996.(Coleção espaços)
- SANSONE, Lívio; SANTOS, Jocélio Teles dos. (Org.). **Negritude sem etnicidade: O local e o global nas relações raciais e na produção cultural negra no Brasil**. Tradução Vera Ribeiro. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Pallas, 2004, p. 24-299.
- SCHNEUWLY, B. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: ROJO, R.; CORDEIRO, G.S. (Trad.) **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP; Mercado das Letras, 2004.
- SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo e publicidade: uma análise psicossocial dos ideais do consumo na contemporaneidade**. 2ª edição. São Paulo: Annablume, 2007.
- SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TÁVORA, A. D. F. **Construção de um conceito de suporte: a matéria, a forma e a função interativa na atualização de gêneros textuais**. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, 2008.
- TORRES, Fernanda Carolina. **O Direito ao Território Quilombola como Direito Étnico e Cultural frente ao Programa “Titulação” do ITER-MG**. Brasília: MDA-NEAD, 2009. Disponível em: http://www.iica.int/Esp/regiones/sur/brasil/Lists/DocumentosTecnicosAbertos/Attachments/422/O_direito_ao_terr%C3%B3rio_quilombola.pdf Acessado em: 29/06/2013 às 23:54.

REVISTA *MEMENTO*

V.4, n.2, jul.-dez. 2013

Revista do mestrado em Letras Linguagem, Discurso e Cultura – UNINCOR

ISSN 2317-6911

VANSINA, Jan. A tradição Oral e sua Metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph. **História geral da África, Vol.I. Metodologia e pré-história da África**. Brasília: UNESCO/ÁTICA, 2010.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da.(Org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2012.

ZUMTHOR, Paul. **Unidade e Diversidade. In: a letra e a voz**. São Paulo. Companhia das Letras, 2001, p. 117-136.